

A CONSTRUÇÃO DE UM DIÁLOGO: PSICANÁLISES E FEMINISMOS

Silvia Leonor Alonso¹

1 Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae desde a sua fundação e professora e orientadora do curso “Psicanálise” do mesmo Instituto. Desde 1996 coordena o grupo de investigação “O feminino e o imaginário cultural contemporâneo”. Foi membro do grupo fundador da Revista Percurso. É autora de *The Time, the Listening, the Feminine* e co-autora de *Histeria (House of the Psychologist)*. Co-organizador dos livros: *Freud: um ciclo de leituras*, *Psicanálise em ação*, *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*, *Interlocuções sobre o feminino na teoria, clínica, cultura e Corpos, sexualidade, diversidade* (Editor Escuta).
silviaalonso@uol.com.br

De longe, nos chegam vozes das mulheres afegãs que, no meio de 2021, na retomada do poder pelo Talibã, choram seu desamparo e sofrem perante a iminência de ser novamente colocadas no lugar de “objeto da dominação masculina” e, sob o império da *sharia*, perder os direitos conseguidos nos últimos anos, ao trabalho e à educação, e ver seus corpos novamente acorrentados, escondidos, desapropriados.

De perto, nos chegam notícias de mortes por feminicídio, mortes por razões de gênero, que, numa verdadeira “epidemia”, acompanhando a epidemia da Covid, não param de crescer no Brasil e na América Latina como um todo. No Brasil, fundamentalmente, de mulheres pobres e negras.

Apesar das grandes conquistas das mulheres ao longo de séculos, suas lutas não acabaram; a misoginia continua forte e hoje totalmente inserida no que Huntington¹ chama de *confronto de civilizações*, como desenho cartográfico do momento atual.

O conflito crescente entre correntes conservadoras e inovadoras no pensamento se estendeu pelo mundo, e o campo dos costumes e das pautas morais sobre as sexualidades é zona de confronto.

Ao mesmo tempo, temos de reconhecer as grandes mudanças acontecidas ao longo da história e as imensas transformações das últimas décadas nas práticas sexuais, nas subjetividades, nas lógicas sociais, no campo ético e jurídico e nos discursos. É que as fronteiras da sexualidade se alargaram. Os imaginários sobre os corpos se modificaram, como também as possibilidades de percepção. Corpos diferentes passaram a ser vistos, desejos até então inexistentes, a ser escutados. Formas diversas de sexualidade se apresentam na clínica e no social e nos interrogam, aproveitando as fissuras abertas no patriarcado.

Mas o regime patriarcal não parou de operar, sustentando o essencialismo dos gêneros fixados como substâncias ontológicas imodificáveis e mantendo o regime de diferenças numa organização hierárquica, com dinâmicas de dominação e exercício de poder. Binarismos de gênero – homens/mulheres, masculino/feminino, trabalhadores assalariados/cuidadoras sem salário, ocupantes do espaço público e do campo erótico/rainhas do lar, mães – sem desejo nem erotismo.

As lutas muito antigas das mulheres encontraram no movimento feminista força e estratégias políticas.

Primeiramente, as lutas por igualdade de direitos que se travava no campo jurídico, destacam-se as lutas das sufragistas, no fim do século XIX e começo do XX, tempos também do nascimento da psicanálise.

Mas foi num segundo momento, nas décadas de 1960-70, que do campo da igualdade se foi passando ao campo das “diferenças”, que inclui subjetividades, sujeitos, identidades, reconhecimento do outro. Foi o momento de abertura do discurso feminista.

No seio do feminismo da diferença, uma frase se impõe com força afirmativa, abre o discurso e inaugura conversas: “O pessoal é político”. Aproximam-se os campos do público e do privado, o íntimo chega ao político, e o político entra nas vidas privadas e em suas práticas. Maio de 68, movimento *hippie*. Ampliam-se as temáticas em jogo: passa-se a questionar a sexualidade, a procriação, a maternidade. A opressão patriarcal sobre a sexualidade das mulheres aparece com clareza e, com isso, apresentam-se as bandeiras de gênero. Nesse momento, a conversa com a psicanálise cobra força. São temas sobre os quais a psicanálise tem muito a dizer, mas também os feminismos têm muito a questionar do que diz a psicanálise. Diálogo tenso, mas fundamental.

Questionam o essencialismo dos lugares de homens e mulheres na teoria psicanalítica. Questionam as desigualdades e hierarquias que se mantêm na forma como se pensa a diferença sexual. Questionam o lugar de negatividade em que o feminino fica. O que os psicanalistas respondemos? No meio do fértil diálogo que sustenta com os feminismos, Juliett Mitchell²(17) afirma: “a psicanálise não é uma prescrição de uma sociedade patriarcal, mas em tudo caso, a análise dos efeitos subjetivos de uma sociedade patriarcal”. Concordo: o que chega na clínica são as subjetividades produzidas pela sociedade de uma época, mas, quando vira teoria, isso se converte também num “discurso-norma”, que produz ou reafirma subjetividades.

Surge então a pergunta: será que a psicanálise é mais um dispositivo destinado a fortalecer a repetição do modelo de pensar a diferença e as sexualidades presente no social? Ou será que, em seu dispositivo clínico da escuta e em sua teoria, há criatividade suficiente para abordar as novas formas de sexualidade e os novos sofrimentos? Acredito que depende da forma como nos colocamos perante seu discurso. Se queremos defender a universalidade dos conceitos e impô-los na leitura da realidade, faremos dele um discurso dogmático e anacrônico. Alinhando-nos às posições conservadoras reatualizadas pelo medo das vertiginosas mudanças na composição familiar, nas apresentações sexuais e nas formas das relações amorosas, viramos “analistas ventríloquos”,³ na expressão de M. Tort. Mas, se consideramos a historicidade dos conceitos e fazemos deles objetos de um retrabalho, distinguindo os que se colocam na mera continuidade das normas sociais dominantes, virando sintomas e repetição, dos que têm uma “força instituinte”, capaz de alargar o pensamento e criar teoria, podemos manter a psicanálise viva, para dar conta dos novos desafios.

É claro que não podemos negar os estereótipos de gênero da época vitoriana, presentes em muitas afirmações de Freud, nem a normatividade social incrustada em alguns conceitos, mas também não podemos deixar de reconhecer que o discurso psicanalítico tenha sido o primeiro a se opor à racionalidade filosófica e que se tenha inaugurado sob a égide do feminino e subvertido a visão biológica.

Do desenvolvimento freudiano, escolhi dois momentos e alguns conceitos que me parecem aberturas em que ele complexifica e faz avançar a teoria da sexualidade. Um deles é dos primeiros tempos. As histéricas, subjetividades constituídas no seio da modernidade, no centro de um imaginário feminino esvaziado de erotismo, fazem sintomas no corpo; são um grito de sofrimento e, ao mesmo tempo, da presença de Eros. Corajosas, reverterem o império da razão com aquilo que mostram em seu corpo, denunciando a existência do desejo e da sexualidade que era negado às mulheres. De outro lado, Freud se dispõe a escutar aquilo que até então não era escutado na cultura. Nessa escuta, criam-se várias aberturas. Uma para dentro: o sujeito dividido, a existência do inconsciente e, com isso, uma teoria da sexualidade que reconhece que esta será sempre conflitiva e também sempre enigmática. E uma abertura para fora, porque a escuta clínica leva Freud a pensar a sexualidade no marco do imaginário da época e a mostrar sua respectiva moral sexual,⁴ que produz efeitos nos sujeitos e causa sofrimento sobretudo nas mulheres.

Mas a abertura da teoria sexual avança mais, já que, a partir dessa clínica que inclui o feminino, surgem o conceito de pulsão diferenciado do de instinto e a concepção de sexualidade infantil com sua lógica perversa polimorfa. Vejo nesse grupo de conceitos, ou nesse momento da teoria, uma verdadeira implosão das fronteiras da teoria da sexualidade e da normatividade moralizante sobre a sexualidade, principalmente no que tange às mulheres. Para dizer mais claramente, por que seriam aberturas? Porque algumas coisas se desamarram, e isso abre espaço de pensamento: (1) na separação entre os conceitos de pulsão e de instinto, o conceito se “desnaturaliza” e separa do biológico – não do corpo, mas do inato.⁵ (2) A pulsão tem objeto e meta individual e contingente e, ao menos perto das origens, é perversa e polimorfa. Em sua parcialidade, a pulsão é plural e, em seus destinos, é múltipla. (3) Separando a pulsão da genitalidade, separa-a também da procriação e, não tendo esta como única meta e sendo norteadas pelo prazer e pelo gozo, tem a ver com a fantasia e com o inconsciente. A sexualidade infantil é uma grande descoberta freudiana não pela concretude de sua existência, mas pela lógica que ordena seu funcionamento.

Vamos a outro momento: o texto “A feminilidade”, de 1932.⁶ Nesse momento, Freud reformula a teoria do trauma e da sedução universalizando esta última, já que agora se trata da sedução materna: a mãe que, no cuidado ao bebê, introduz excitação. Novos pontos de abertura: (1) a sexualidade vem dos outros, de fora, mas (2) também aparece o “advir mulher”. Freud afirma: “a psicanálise não pretende descrever o que é uma mulher [...] mas indagar como advém, como se desenvolve a partir da criança polimorfa”.⁶(108) Ou seja, retoma-se o polimorfismo de base, mas também aí a sexualidade aparece como processo de construção no seio da singularidade. (3) Outra afirmação desse momento do desenvolvimento: “a masculinidade e a feminilidade puras não passam de construções teóricas de conteúdo incerto”.

Nesse mesmo momento teórico, temos de somar o conceito de *feminilidade*. Nos vários deslocamentos que vai sofrendo o conceito de feminino ao longo da obra, agora a feminilidade aparece como o que é mais pulsional e está na base da sexualidade tanto das mulheres quanto dos homens.

Nesse conjunto de afirmações dos dois momentos destacados, encontro elementos que me parecem significativos para dizer que a teoria da sexualidade na psicanálise, se complexifica, amplia e singulariza, aparecendo como um problema, um enigma e um processo.

Mas isso me levaria a dizer que a teoria da sexualidade construída por Freud conseguiu ficar fora da normatividade imposta por seu tempo? Certamente não poderia fazer essa afirmação, porque, assim como houve algumas aberturas, houve também muitos fechamentos.

Este pêndulo entre aberturas e fechamentos que estou exemplificando no desenvolvimento freudiano o encontramos também no pensamento de Lacan, e o encontraríamos em outros sobre os quais nos debruçaríamos, porque todos estão atravessados pela normatividade da época. Juan Carlos Volnovich⁷, no seu lindo texto “Aquellos vientos trajeron estos lodos...”, mostra que, recém-chegado de Paris, quando dá em Viena a Conferência de 1886, Freud apresenta duas aberturas: a origem traumática da histeria e a existência da histeria masculina, colocando no banco dos réus os homens abusadores e toda a comunidade científica de Viena. Volnovich afirma que, apagando as fronteiras entre normal e patológico e equiparando homens e mulheres, Freud põe em questão os princípios centrais do patriarcado, provocando muita irritação e ficando ameaçado com a exclusão do grupo dos médicos e dos homens defensores do patriarcado. O que assustava, não era o sexo, mas sim o questionamento da “normatividade” existente, o que levou Freud a fazer uma negociação interna, e por motivos mais pessoais e de poder do que teóricos:¹ acabou renegando aquilo que ele próprio havia defendido.⁷ Na carta de 1897, Freud formula sua conhecida frase “não acredito mais na minha neurótica”,⁹ a partir da qual não aparecem mais homens abusadores, e sim mulheres enganadoras, recuperando o establishment médico e as normas do patriarcado.

1 Esse é um exemplo claro da afirmação de Thamy Ayouch: “A ruptura epistemológica do discurso analítico consiste em apontar o desafio e os limites de todo processo cognitivo inscrito numa visão positiva do saber e sua infiltração por motivações outras que do saber (destinos pulsionais, no plano subjetivo, e dispositivos de poder, no plano coletivo).8(23)

Daí em diante e por um longo período, com o abandono da teoria da sedução, com a teoria do apoio e a fantasia como base do sintoma, prospera um certo endogenismo, uma nova amarração na genitalidade, no biológico e na normatividade da época, deixando as mulheres em lugares negativados, inferiorizados, e colocando-as um pouco “fora da civilização”, com postulados como o superego frágil e uma suposta limitação das possibilidades sublimatórias, postulados fortemente criticados pelos feminismos.

Voltando aos discursos feministas, há uma nova volta da espiral a partir da década de 1980. Eles são questionados por mulheres lésbicas e trans, assim como de outras etnias e classes além das que lhes deram origem; questionam o próprio discurso, a universalidade que o discurso a partir de mulheres brancas e heterossexuais havia montado, e começam a construir um discurso mais inclusivo, na “interseccionalidade”, ou seja, no cruzamento de discursos antissexistas, antirracistas, decolonialistas etc. Nessa ampliação do discurso, ampliam-se também os questionamentos à psicanálise.

Joel Birman¹⁰ afirma que os questionamentos feitos por feminismos, movimentos homossexuais e transgêneros não são da mesma ordem: os dois primeiros reivindicam a possibilidade de ocupar um espaço que já existe, mas deixam intacto o sistema simbólico de nomeação parental; já no caso dos transgêneros, é a própria estrutura edipiana que se questiona: eles buscam uma possibilidade de se reinventar reafirmando a sexualidade como uma construção totalmente singular. Mas, como já o dissemos em relação aos feminismos, o próprio movimento vai produzindo ampliações ao longo do tempo. Assim, os feminismos acrescentaram às lutas contra as prescrições sobre a sexualidade das mulheres e contra a heteronormatividade as lutas antirracista e anticolonialista e os estudos Queer.

O que está em jogo é o debate sobre a forma de simbolizar a diferencia sexual. Afirma Márcia Arán: “O dispositivo da diferença sexual construído na modernidade através de sistemas normativos de sexo-gênero, exclui a transexualidade das possibilidades subjetivas consideradas normais e legítimas. Nesses termos é fundamental deslocar essas fronteiras excessivamente rígidas do simbólico [...] para que a transexualidade possa habitar o mundo viável da sexuação”.¹¹(668) E acrescenta: “De fato, se compreendermos a lei como uma estrutura anterior e transcendente às manifestações sociais, políticas e necessariamente históricas, o simbólico na sua versão diferencia sexual será apresentado como uma força que não poderá ser modificada e subvertida sem a ameaça da psicose ou a perversão. Ao contrário, se compreendemos a lei como algo que é vivido é constantemente reiterado de forma imanente às relações de poder, as possibilidades de modificação e subversão, inclusive o simbólico, não necessariamente significarão uma ameaça à cultura e à civilização”.¹¹(669)

Se em outros momentos a desconstrução passou por conceitos como instinto materno, inveja do pênis e maternidade como destino pulsional único nas mulheres, neste momento o retrabalho passa fundamentalmente pelos conceitos de função paterna, lógica fálica e formas de simbolização.²

Partindo dos pontos de abertura que assinalam um caminho, alguns autores no interior da psicanálise retrabalham conceitos que fazem com que a teoria da sexualidade na psicanálise se vá ampliando mais e deixando caber melhor as sexualidades que se apresentam e as subjetividades que as suportam.

Só a título de exemplo, apoiado na abertura da via da alteridade, Laplanche explora ao máximo a “primazia do outro” no que denomina “situação antropológica fundamental, na cena do adulto cuidador e o bebê, encontrando aqui um caminho para introduzir na psicanálise o conceito de gênero”, reformulando-o de modo a incluir o inconsciente e o conflito e propondo que “o sexual é o resíduo inconsciente do recalque simbolização do gênero pelo sexo”.⁵⁽¹⁵⁵⁾ Na concepção do autor, a designação de gênero se faz plural, e as mensagens que se inscrevem na criança são contraditórias e ambivalentes, porque provêm do *socius* e estão atravessadas pelo inconsciente dos adultos, restituindo com isso à sexualidade seu caráter enigmático e conflitivo.

De um lado, com o conceito de *mito-simbólico*, nomeia os esquemas narrativos transmitidos e renovados pela cultura que ajudam o pequeno sujeito a ligar e simbolizar as mensagens enigmáticas que vêm dos adultos, mas ao mesmo tempo a recalcar o sexual. De outro, estabelece uma oposição entre o simbólico pensado como mito único e as simbolizações plurais: “Apesar da irresistível conquista do mundo pelos binarismos, é bom lembrar que este auge é contingente, se comparado a tantas civilizações nas quais os mitos fundadores não são binários e sim plurais, aceitando a ambivalência no lugar de apostar tudo na diferença”.¹²⁽²⁰⁶⁾ Um segundo exemplo. Partindo do conceito de feminilidade em Freud, Birman esmorece o fundamento biológico do conceito e o trabalha juntando-lhe conceitos como a pulsionalidade e o desamparo: “A feminilidade é revelação do que existe de erógeno no desamparo, a sua fase positiva, criativa. A fase negativa do desamparo é o masoquismo, a inexistência erógena e a dor mortífera”.¹³⁽⁵²⁾ Entende que o conceito de feminilidade seja uma tentativa de Freud de ultrapassar a lógica fálica tão presente na teoria da sexualidade. No retrabalho do conceito, logra positivar a questão do excesso pulsional e marcar o caminho da estética em que a diferença se expressa como singularidade.]

² Isso fica claro se acompanharmos o pensamento de M. Tort sobre a superposição que foi feita entre a figura social do pai e as figuras psicanalíticas da “função paterna”.

Poderíamos aproximar o pensamento de Birman, como o fez Arán, a outros autores como Schnaider, M. David-Menard, M. e outros, que encontram a partir dos conceitos de feminilidade e desamparo caminhos diferentes para pensar a constituição das subjetividades e das sexualidades que nelas se suportam. Sem negar o C. De Édipo e de Castração, mas retirando-os da centralidade, univocidade ou universalidade, recuperando o “corpo erógeno” como fundamento do excesso pulsional, e encontrando nos caminhos de substituição de objeto e da criatividade lugares interessantes para pensar as subjetividades. Esses autores se aproximam na ideia de que a pulsão desligada do desamparo impõe ao sujeito a necessidade permanente de simbolização, abrindo a possibilidade de recriar-se a si próprio permanentemente.

Comecei pelos feminismos por ser o primeiro movimento que coloca a necessidade de reconhecimento da mulher como sujeito e com isso põe em questão a diferença. Terminei com a feminilidade por ser um conceito que permite pensar as sexualidades desde o “singular” e a “alteridade” sem prender-se à universalidade, que constrói um modelo hierárquico e desigual.

E assim vamos caminhando na construção de uma psicanálise aberta às transidentidades, que, no dizer de Ayouch, “precisa então ser tanto subjetiva quanto social: ela almejaria situar o sujeito no enquadre social, histórico e político no qual se inscreve, e abordar o inconsciente a partir do sistema sexo-gênero. Esta psicanálise visaria analisar o funcionamento das prescrições de gênero na subjetivação, nas relações do sujeito com os outros, mas também na sua própria perspectiva, como teoria que não escapa às formações discursivas dentro das quais surge”.⁸ Essa psicanálise precisa ser construída em diálogo com outros discursos: dos feminismos, das novas sexualidades, dos estudos Queer... Para isso, é necessário que os discursos mantenham aberturas e que trabalhem juntos.

Referências bibliográficas

- 1 Huntington S. (1997). O choque de civilizações. Rio de Janeiro: Objetiva.
- 2 Mitchell J. (1979). Psicanálise e feminismo. Belo Horizonte: Interlivros.
- 3 Tort M. (2017). Las subjetividades patriarcales. Buenos Aires: Topia.
- 4 Freud S. (1908/1993). La moral sexual cultural y la nerviosidad moderna. In: Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu. v. IX.
- 5 Laplanche J. (2015). Sexual: sexualidade ampliada no sentido freudiano. Porto Alegre: DUBLINENSE.
- 6 Freud S. (1932/1993). A feminilidade [Conferencia 33]. In: Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu. v. XXII.
- 7 Volnovich JC. (2017). "Aquellos vientos trajeron estos lodos..." In: Meler I. Psicoanálisis e género. Buenos Aires: Paidós.
- 8 Ayouch T. (2015). Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. Percurso. São Paulo; XXVIII(54).
- 9 Freud S. (1992). Cartas a Wilhelm Fliess 1997-1904. Buenos Aires: Amorrortu.
- 10 Birman J. Sexualidade na contemporaneidade. (2018). Cadernos de Psicanálise. Rio de Janeiro; 40(38): 137-159.
- 11 Arán M. (2009). A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. Revista Estudos Feministas. Florianópolis; 17(3): 653-673.
- 12 Laplanche J. (1999). Entre sedução e inspiração: o homem. Paris: PUF.
- 13 Birman J. (1999). Cartografias do feminino. Rio de Janeiro: Editora 34.
- 14 Arán, Márcia (2006). O avesso do avesso. Rio de Janeiro: Garamond.